



Espécies arbóreas pioneiras nativas para recuperação de matas ciliares do córrego Mateus – Araçuaí – Minas Gerais.

Sandro Marcelo de CAIRES¹.

Introdução

A corrida do ouro no século XVII foi a principal causa da origem e do povoamento da bacia do rio Jequitinhonha (IBGE, 1997). A descoberta de ouro e diamantes na região no início do século XVIII imprimiu uma maior dinâmica na modorrenta expansão que caracterizava a área da pecuária (Brasil, 2005a). Já em 1817, Saint-Hilaire observava os efeitos desastrosos desse tipo de exploração. Por volta dos 100 anos de ocupação, Leopoldo Pereira lastimava a redução das matas virgens há um décimo do que eram 50 anos antes, salientando que o mato arrasava-se ao fogo das queimadas, principalmente nas caatingas, onde a folhagem caída na seca alimentava a destruidora labareda (Brasil, 2005a). Em meados do século XIX, com o declínio da mineração, a bacia teve seu desenvolvimento voltado para a estrutura fundiária baseada nas lavouras de subsistência e pecuária extensiva (IBGE, 1997).

Em 2005, com a atualização da região semi-árida do Brasil, com a consideração de outros critérios técnicos, complementares ao das precipitações médias anuais inferiores a 800 mm, tais como o índice de aridez e o déficit hídrico (Brasil, 2005b), o município de Araçuaí foi incluído na região semi-árida. Isto ocorreu em razão do período de 1970 – 1990 na qual se observou a frequência de 60 a 70 % dos dias com déficit hídrico no município.

De acordo com a Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação – UNCCD, a desertificação é a degradação do solo em áreas áridas, semi-áridas e subúmidas secas, resultante de diversos fatores, inclusive de variações climáticas e das atividades humanas, em um grau de intensidade que resulte na impossibilidade de seu uso para fins econômicos e sociais. No estado de Minas Gerais, as Áreas Susceptíveis à Desertificação (ASDs) representam uma área de 177 mil km², ou seja, 30,3 % da área do estado. Em outros termos, de um total de 853 municípios, 142 estão em ASDs, o que equivale a 16,65 % dos municípios do estado localizados geograficamente na região do Norte de Minas, Mucuri e Vale do Jequitinhonha. Dentre estes, encontra-se incluído o município de Araçuaí (CMATPS, 2010).

De acordo com Radam Brasil (1987), a distribuição regional da vegetação do município pertence a uma área de tensão ecológica relacionada ao contato da Floresta Estacional Decidual, Cerrado e Caatinga, onde a quase totalidade da área encontra-se destituída de sua vegetação original e bastante descaracterizada em seus poucos remanescentes. O motivo da degradação é decorrente do desmatamento e do uso do fogo, principalmente para a prática das atividades agropastoris (Radam Brasil, 1987; Pereira *et al.*, 2003).

O processo de ocupação e abertura de novas fronteiras agrícolas no município de Araçuaí, hoje com 140 anos de emancipação política, remontam antes das legislações

¹Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – *Campus Araçuaí* – sandrodecaires@yahoo.com.br

ambientais, tais como o Código Florestal de 1965, onde a vegetação nativa foi suprimida sem critérios em relação as áreas de Reserva Legal e APPs. Neste contexto, é considerável a quantidade de propriedades rurais do município que possuem passivos ambientais e necessitam de adequações diante da legislação vigente.

Assim, o objetivo desse trabalho foi identificar espécies arbóreas pioneiras com potencial de uso na recuperação de matas ciliares através do estudo de fragmentos remanescentes e ressurgentes naturais do ambiente ciliar do córrego Mateus – Araçuaí – MG.

Material e métodos

O tipo climático predominante da região é o Bsw (continental-seco) com precipitação média anual inferior a 1.000 mm e média das temperaturas máximas em torno de 34 °C. Os meses secos são de março a novembro e a precipitação máxima ocorre no verão (Oliveira *et al.*, 2002). A temperatura média é de 25,8 °C com índice pluviométrico médio de 817 mm. Os critérios utilizados para a escolha das espécies foi a sua distribuição, abundância e ressurgência na área de estudo. Buscaram-se indivíduos de vários estádios de crescimento, ou seja, de mudas nativas a espécimes adultos na qual indicasse adaptação e resistência ao ambiente semi-árido. A identificação foi realizada no período de julho/2010 a julho/2011 e abrangeu um transecto ao longo de oito quilômetros do ambiente ciliar do córrego Mateus. As espécies foram identificadas através de suas características morfológicas de folhas, inflorescências, frutos, sementes, bem como da planta adulta com auxílio de manuais de identificação de plantas arbóreas nativas do Brasil (Lorenzi, 2008; 2009).

Resultados e discussão

As espécies arbóreas pioneiras identificadas são apresentadas abaixo (Tab. 1).

Tabela 1 – Espécies arbóreas pioneiras nativas da mata ciliar do ribeirão São Mateus

Nome científico	Autor	Família	Nome comum
<i>Peltophorum dubium</i>	(Spreng.) Taub.	Angiospermae-Fabaceae- Caesalpinioideae	Acari
<i>Pterogyne nitens</i>	Tul.	Angiospermae-Fabaceae- Caesalpinioideae	Carne de vaca
<i>Piptadenia gonoacantha</i>	(Mart.) Macbr.	J.F Fabaceae-Mimosoideae	Pau jacaré
<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	(Vell.) Morong	Angiospermae-Fabaceae- Mimosoideae	Tamboril

Peltophorum dubium (Spreng.) Taub. De acordo com Lorenzi (2008), o acari é uma planta decídua, heliófita, pioneira e característica da floresta estacional semidecidual. Ocorre preferencialmente em solos argilosos úmidos e profundos de beira de rios, tanto na floresta primária densa quanto em formações secundárias. Ainda apresenta dispersão ampla e abundante, principalmente nas áreas mais próximas do rio. Esta espécie está disseminada por todo o vale do ribeirão São Mateus. Existem muitos indivíduos adultos, sendo possível observar mudas representativas da espécie em pastagens implantadas no ambiente ciliar. A espécie não está limitada exclusivamente nas áreas próximas do ribeirão, sendo possível encontrar indivíduos mais afastados do leito.

Pterogyne nitens Tul. Esta espécie é uma planta decídua, pioneira, característica da floresta estacional semidecidual e caatinga. É uma planta bastante frequente nas

planícies aluviais ao longo dos rios (LORENZI, 2008). No entanto, a carne de vaca tem uma ampla dispersão na área de estudo. É possível encontrar indivíduos espalhados pelas pastagens nos ambientes mais dissecados da paisagem. Os pecuaristas da região a consideram uma praga de pasto. É uma planta de difícil eliminação do pasto, fato observável pelo perfilhamento ocorrente após o seu corte.

Piptadenia gonoacantha (Mart.) J.F Macbr. Planta decídua, heliófita, seletiva higrófila, pioneira, característica e exclusiva das caatingas, onde é bastante comum (LORENZI, 2009). Também é considerada pelos pecuaristas locais como praga das pastagens, onde cresce vigorosamente. É uma planta comum e sua dispersão ocorre em aglomerações de indivíduos, possivelmente pela quantidade de semente produzida.

Enterolobium contortisiliquum (Vell.) Morong. Planta decídua no inverno, heliófita, seletiva higrófila, pioneira, dispersa em várias formações florestais. Na região é uma planta de cresce significativamente gerando indivíduos adultos de grande porte. Produz muitas sementes e possui a características de brotação marcando o início da primavera. Geralmente, ao redor dos indivíduos adultos isolados na paisagem, encontram-se muitas mudas indicando uma boa adaptação às condições edafoclimáticas do local.

As espécies aqui identificadas se caracterizaram por serem generalistas, representativas da caatinga e da floresta estacional semidecidual, o que corrobora com Radam Brasil (1987) quando classifica o ambiente como uma área de tensão ecológica. Devido ao fato destas espécies serem ressurgentes naturais do ambiente de estudo, as mesmas apresentam um grande potencial para o uso em programas de recuperação da matas ciliares do semi-árido do vale do Jequitinhonha.

Conclusões

Peltophorum dubium, *Pterogyne nitens*, *Piptadenia gonoacantha* e *Enterolobium contortisiliquum* são espécies leguminosas pioneiras nativas com potencial de uso na recuperação de matas ciliares do semi-árido do córrego Mateus.

Referências bibliográficas

BRASIL. Planomesos - Plano de desenvolvimento integrado e sustentável do Mesovalés Jequitinhonha e Mucuri. 2005a. Ministério da Integração Nacional. <http://www.integracao.gov.br/desenvolvimentoregional/publicacoes/planomesovales.asp> (acesso em 01/09/2011).

BRASIL. Relatório final do grupo de trabalho interministerial para redelimitação do semi-árido nordestino e do polígono das secas. 2005b. Ministério da Integração Nacional. http://www.integraregio.com.br/file.php/1/Biblioteca/Planejamento_Regional/Relatorio_Semi_Arido.pdf (acesso em 01/09/2011).

IBGE. 1997. **Diagnóstico ambiental da bacia do rio Jequitinhonha diretrizes gerais para a ordenação territorial**. R.N. Gonçalves - (Supervisor de Projeto) Salvador. <ftp://geofp.ibge.gov.br/documentos/recursosnaturais/diagnosticos/jequitinhonha.pdf> (acesso em 01/09/2011).

Cooperativa multidisciplinar de assistência técnica e prestação de serviços Ltda. - CMATPS. 2010. **Diagnóstico ambiental e institucional das áreas susceptíveis à desertificação do estado de Minas Gerais**. Montes Claros - MG. <http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/273/Diagn%C3%B3stico%20Ambiental%20e%20Institucional%20PAE%20-MG.pdf> (acesso em 01/09/2011).

Lorenzi, H. 2008. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol 1 – 5. ed. – Nova Odessa, SP : Instituto Plantarum.

Lorenzi, H. 2009. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol 2 – 3. ed. – Nova Odessa, SP : Instituto Plantarum.

Oliveira, F.R.; Duarte, U.; Menegasse, L.N. 2002. Levantamento hidrogeológico da área de Araçuaí no médio vale do Jequitinhonha-MG. **Rev. Águas Subterrâneas**, nº 16, pg 39-56.

Pereira, A.M.; Almeida, M.I.; Leite, M.E. 2003. Considerações acerca da degradação ambiental no município de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha. **Unimontes Científica**, v.5, nº2, pg. 1-9.

Radam Brasil. 1987. **Folha SE.24 Rio Doce**: Geologia, geomorfologia, vegetação, uso potencial da terra/Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Rio de Janeiro: IBGE.